

bem. É gratificante morar num lugar e se sentir bem. Morar bem não é falar de condições financeiras. Morar bem é viver sem nenhuma perseguição. Nós não somos invasores de terra, somos pessoas que trabalham pra produzir as sementes e os alimentos do pão de cada dia. A terra não é pra tá vendendo, é pra gente cultivar. Aqui é nossa vida."



As sementes trazidas de seus pais continuam sendo multiplicadas na terra demarcada pelo arame da empresa. Hoje a família é sócia da casa de sementes da comunidade. Lá guardarão parte da história trilhada no caminho da resistência.

A tranquilidade almejada cessou por um tempo, mas Antônio Venâncio, Iraneide, Renan, Renian e Lara continuarão resistindo à tentativa de tomarem suas terras.

O amor tanto pelo pedaço de chão onde construíram suas vidas, quanto pelas sementes da ancestralidade é o impulso para essa permanência.

Sementes de amor ao cultivo também foram plantadas em Renian, que hoje ajuda a família no cuidado com a terra.

O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 9 • nº 2088
Setembro/2015

Carnaubal



Ceará

Sementes ancestrais cultivadas na vida e nos solos da resistência!

Uma terra fértil e tranquila onde pudessem viver e cultivar as sementes ancestrais. Foi esse o desejo que impulsionou Antônio Venâncio, de 45 anos, e Iraneide Pinto da Silva, de 40 anos, a se mudarem para o interior do município de Carnaubal, na comunidade Lagoa do Américo. Nascidos e criados na zona urbana, desde a infância ajudavam os pais na agricultura. Estes, por sua vez, já mantinham uma profunda relação com as sementes cultivadas por seus antepassados.

O exemplo dos pais contribuiu para que Iraneide e Venâncio se apaixonassem pela vida no campo. Ele lembra com exatidão o dia que chegaram à comunidade. 27 de dezembro de 1999. Na época, o casal já tinha o primeiro filho, Renan Pinto Rodrigues, hoje com 21 anos. Posteriormente, vieram Renian Pinto Rodrigues, atualmente com 15 anos, e a pequena Lara Pinto Rodrigues, de 4 anos.

Mesmo com as dificuldades de água para produção, a família começou a cultivar uma pequena área no entorno da casa de um cômodo, construída nos fundos do terreno, onde moraram por seis anos. Trouxeram suas sementes crioulas para multiplicá-las na terra. O primeiro cultivo foi de cinco culturas: fava, feijão, milho e mandioca, e também a mamona para a produção de biodiesel. A produção obteve bom resultado e isso os empolgou a aumentar o cercado. Demarcaram uma área de 638m de fundo por 173m de frente.



Renan, Iraneide, Venâncio, Renian e a pequena Lara

Realização



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome



Apoio



Nos primeiros anos havia dificuldade de acesso à água e a família precisava percorrer diariamente 10 km até a cidade para buscá-la. Com a chegada da cisterna de placas em 2004, “tudo melhorou”, diz ele. Em 2007 foi construída a cisterna calçadão e a família ampliou a produção. Aos poucos o cenário ia mudando. Com a ajuda da água das cisternas, a caatinga presente na propriedade ia ganhando mais verde. “Agora temos um pouco de cada coisa: mangueira, cajueiro, graviola, ata, laranja, pitanga, coqueiro, abacate, azeitona”, afirmam com sorrisos nos rostos.

O desejo de uma vida tranquila se realizava a cada dia. Já com três filhos, sementes cultivadas, um bom plantio no roçado, galinhas no terreiro e algumas cabeças de gado. A relação com a terra se intensificava, assim como o cultivo das sementes vegetais e animais. Passaram, então, a comercializar alguns dos produtos do quintal para ajudar na renda familiar.

Por quatorze anos, a família cultivou a terra e nela viveu tranquilamente. Em 2014, no entanto, a família, que já tinha fincado suas raízes naquele pedaço de chão, foi surpreendida por representantes de uma empresa chamada Millennium Wind Participações Ltda, que atua no ramo de energia eólica e se diz dona legítima das terras. A comunidade fica localizada numa área propícia à exploração dos ventos. A forma brutal com que eles destruíram as casas assustou a família de Antônio Venâncio. Ele e o filho mais velho presenciaram a destruição das memórias de vida dos sujeitos que viviam nas residências, o que os deixou temerosos de serem também vítimas da empresa. Poucos anos depois o que temiam aconteceu. “Me chamaram de invasor, que eu estava numa terra que pertencia à empresa Millennium. Quando eu cheguei aqui em 1999 não tinha nenhum barbante demarcando terra, era tudo mata nativa”, afirma. A família, consciente de seus direitos, decidiu brigar. “Nós que plantamos. Eu cerquei, broquei, construí casa, fiz o plantio de tudo, mangueira, abacateiro, limão, jaca, goiaba, acerola, coco, mandioca pra fazer farinha. Estou aqui há muito tempo e tenho meus direitos.” Teve início aqui o embate pela garantia da terra.

Para o agricultor o mais importante era a terra cultivada, suas sementes e a história construída no local. Desde a infância aprenderam com os pais a cuidar da terra e cuidar bem das sementes produzidas. Todos os anos a família planta sua variedade de sementes herdadas dos familiares. No presente ano foram mais de cinquenta garrafas de feijão de corda e moita colhidas no roçado, denominados por feijão Biló, Gordim e Sempre Verde. As sementes representam para eles a própria história trilhada até a chegada àquela terra. Uma tradição de cultivo, armazenamento e cuidado que aprenderam na infância e que transmitem para a filha e os filhos nos dias atuais. Perder a terra significaria dentre outras coisas serem impossibilitados de cultivar e produzir sementes. Uma dor partilhada por toda a família. Por uma decisão judicial eles perderam uma parte considerável da

propriedade. A área de 638m foi diminuída para 200m. A cerca passou a dividir não só a propriedade geograficamente, mas os separava também de parte da história construída no lugar onde iniciaram a relação afetiva com a terra e com a agricultura.

Desde a infância os filhos do casal ajudavam os pais no plantio e na criação dos animais. A vida serena do campo e o contato com o meio rural os inspirava. Renan, o filho mais velho, que também morou na cidade, afirma que gosta de morar no interior pela calma encontrada. Sentimento partilhado também por seu irmão Renian, que ajuda a família no cuidado com a terra nos momentos vagos da escola e dos esportes que pratica.



O que os dois mais gostam de fazer é cuidar da plantação e cultivar a terra. Para os pais, o gosto dos filhos pelo campo é motivo de orgulho, eles não hesitam em dizer: “A família que temos é um presente de Deus”. A luta pela terra os uniu e todos acreditam que terão novamente suas terras livres para plantar, colher e criar.

Para Antônio Venâncio o chão onde sua família vive tem um significado mais que especial. Ao falar sobre terra ele afirma: “Minha mãe disse que parece que meu umbigo foi enterrado nos matos. Eu gosto muito dos matos. A cidade é muita agitada e eu gosto da tranquilidade da zona rural, me sinto à vontade. Gosto muito da terra porque é aqui que planto minhas sementes, aqui é uma terra produtiva. A gente passou a ter amor à terra. Aqui eu me sinto